

Uma rápida, porém densa, aula de literatura para iniciarmos 2012

# O que os clássicos têm a nos ensinar?



Por Graziela Bonato Lião, professora de Língua Portuguesa da primeira e segunda séries do ensino médio.

Em férias, nada melhor, além de passear, do que “colocar em dia” aquelas tais leituras que passamos um ano inteiro prometendo que iríamos fazer ou refazer, mas que sempre foram deixadas, pelos compromissos diários, para depois. Desta vez, enfrentei o “deixar para depois” e mais uma vez, com grande prazer, reli *Crime e Castigo*, de Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski. É uma daquelas obras que sempre digo aos alunos que leiam, sem pressa, pois nos engrandecem como seres humanos. São clássicos, como este, que nem sempre aparecem nos exercícios realizados na sala de aula ou nas provas, mas que propiciam ensinamentos que não devem ser quantificados, mas sim levados para toda a vida.

Dostoiévski (1821-1881) foi um escritor de grandeza mundial porque soube levantar, numa forma poeticamente decisiva, os problemas de uma época crítica para sua pátria, aliás, para todo o mundo. Chegou a sofrer abalo em sua reputação artística, surpreendido com a reação devastadora e hostil de Vissarion G. Belinski, na época em que produzira *O Duplo* e *O Senhor Prokhar-tchin*.

A obra *Crime e Castigo* é um romance social fruto das

pressões que o autor estava sofrendo pelas dívidas que contraía e não conseguia pagar. Os primeiros esboços do romance apareceram nos folhetins *O Mensageiro Russo* e a publicação do romance ocorreu em 1866.

O sofrimento do autor era tanto que chegou a escrever para o diretor do folhetim: “*O senhor é um homem de sentimento, Mikhail Nikifórovitch, compreende que, tendo perdido tanto tempo e tanta saúde nessa obra, preciso tirar dela qualquer proveito, pois estou vendendo os últimos livros de minha biblioteca e não posso pensar noutra coisa senão na minha subsistência.*”

As contradições, as dualidades e ambiguidades presentes na obra são frutos da consciência do autor, da carga humana da sua vida. Parecem provir da sua alma. O autor penetra no mundo culto com todo o seu complexo de problemas. Desafia a todos com a problemática psicológico-moral.

A história da sua vida, construída através de lendas e controvérsias, dificulta a análise segura da obra. Em *As Sementes da Revolta*, Joseph Frank ressalta o engano que Freud cometeu em utilizar-se de informações incorretas para comprovar suas teorias sobre Dostoiévski.

Destacando: “Freud se engana mais uma vez, talvez pela insuficiência das suas informações e certamente por causa do afã em descobrir um dado biográfico que confirmasse sua teoria sobre a relação entre a epilepsia e os supostos impulsos parricidas de Dostoiévski.”

A dialética dos contrários, o confronto entre o bem e o mal são alicerces para a construção e o desenvolvimento do romance *Crime e Castigo*.

Segundo A. V. Tchitchérin, em *Dostoiévski e o Barroco*, a relação entre o jogo de ideias, entre o formal e o ideológico, permite desenvolver a concepção de Dostoiévski como escritor barroco. A religião, a política e a sociedade são temas investigados e criticados através de suas personagens. Através dos destinos humanos, dos destinos anônimos, Dostoiévski é exímio em demonstrar os problemas que afligem a sociedade da época. Os problemas morais e os ideais daquela época.

A dubiedade presente no romance sofre influência dos seus dramas, das suas leituras, das suas dívidas, da sua personalidade sombria, do sentimento de culpa – que o atormenta –, da sua formação cultural e do contexto social, político e econômico da época em que produziu o livro.

O assassinato do seu pai, por camponeses de Daravóie, é o fato que o atormenta por toda a vida. Dostoiévski tem a angustiante impressão de ser responsável pelo crime – não rezara tanto para que o pai morresse? Não pretendia ver-se livre? Não seria essa morte a concretização de seu desejo? Em sua consciência, assume a culpa pelo assassinato. Não só, mas por toda a miséria dos seres humanos...

Sua angústia é extravasada através da criação literária. Segundo Joseph Frank, Dostoiévski “conheceu o céu e o inferno na juventude, e essa dualidade está intimamente ligada à figura de Vissarion G. Belinski.”

A tensão entre suas ideias e sentimentos pode ser detectada na análise dos quatro folhetins que foram escritos para a *Gazeta de São Petersburgo*, os quais o tornaram o autor mais influente e lido do país, em que se nota sua posição ideológica na época em que escreveu o livro: adversário do pensamento socialista, para o qual fora seu “mentor ideológico” Vissarion G. Belinski. O responsável, também, pela sua adesão ao ateísmo e ao “radicalismo russo” – caminho que o conduziu ao exílio siberiano, no qual, provavelmente, se familiarizou com um dos grandes problemas humanos: o da **culpa** e da **expiação**.

Desde o título, o autor afronta o leitor com a sutileza dos contrastes entre os vocábulos *Crime e Castigo*. Crime pode ser definido como “...qualquer violação grave da lei moral, civil ou religiosa... ato de consequências desagradáveis.” Castigo como a “... correção severa; punição; repreensão.”

No romance, os vocábulos crime e castigo não carregam seus sentidos plenos. O castigo é recebido com a resignação cristã, não desagradável. O crime, apesar de transgredir as leis, é sutilmente justificável.

Raskólnikov, o personagem que comete o crime contra a velha, não é julgado pela sociedade que está à sua volta (familiares e amigos). Não afronta a Deus, porque se penitencia através do castigo; **a culpa nos obriga a refugiarmos em Deus**. Somente sua lógica e teoria fazem com que o sentimento de culpa o esmague, encontrando como saída a aceitação do castigo que o isenta da culpa dolorosa, do rompimento com a lei moral. O personagem saboreia o castigo como liberdade psicológica, já que **a dimensão do pecado e da culpa, não é uma dimensão racional**.

A perfeição e a riqueza com que Dostoiévski revela a pobreza dos sentimentos humanos e suas consequências através dos atos, pensamentos e estilo de vida dos personagens – angustiados e solitários –, garante à obra uma singular apuração sobre as mudanças dos tempos, dos homens, da moral e da psicologia humana. Sobre o desespero, gerado pela pobreza material e espiritual,

que conduzem o ser humano, sem perspectiva, à procura da religião, da fé; à procura de Deus.

As ideias e atos (bons ou ruins) são alimentados e justificados com explicações convincentes e determinadas, o que inibe o juízo crítico – **severo** – do leitor.

O assassinato da velha avarenta e sórdida seria um bem para a humanidade e para o personagem, que se apoderando da herança da velha poderia terminar seus estudos, sem o auxílio da família e dos amigos.

Segundo Raskólnikov, atormentado por delírios, este não seria um verdadeiro crime. É um crime que compensa, e, segundo suas teorias, **há um direito moral de derramar sangue**, desde que essa pessoa seja extraordinária, capaz de dizer e fazer coisas novas além das ordinárias, comuns.

Àqueles que sentem necessidade e urgência de remover algum obstáculo que os impede de viver, cometem atos delituosos e julgam-se acima da lei e dos tribunais. Transgridem a ordem e violentam a moral: a concepção do bem e do mal. Que será o bem? Que será o mal? Quem entre os homens é Deus para provar que se cometeu o mal. Não se pode servir do “mal” para manter o equilíbrio da ordem humana? Por que os grandes chefes de Estados, os grandes generais puderam exterminar milhares de corpos inocentes e serem glorificados pela posteridade? Assim, como Napoleão que para atingir aos fins que propunha nunca hesitou em exterminar inocentes, porque os simples mortais deveriam hesitar? Qual a legitimidade que há em provocar o bem a uma sociedade através do mal?

“Um homem bem-educado jamais fere os sentimentos das outras pessoas... sem querer.”

Oscar Wilde

## O mundo **não existiria** se fosse constituído somente por Raskólnikov(s)

O necessário é ser extraordinário, é ser superior, pertencer à raça dos Napoleões, sobrepor-se à estreiteza dos limites humanos.

O ser humano que atinge este estado de patologia age como o único Deus. Como se a única verdade estivesse contida dentro de si. Se Deus não existe, tudo está permitido. **O Deus transferencial é fruto do determinismo psicológico, traz consigo a ilusão de uma liberdade psíquica e o não querer renunciar a ela.**

O livre-arbítrio e o equilíbrio entre o individual e o coletivo também são transgredidos. A ambição individual ultrapassa à coletiva. Ultrapassa o amor ao próximo. O determinismo psíquico doentio somente não consegue ultrapassar as falhas da natureza humana. A ilusão de transgredir a realidade sem ser julgado é quebrada pela própria consciência do amoral. Ele se rende às suas leis internas e às suas angústias. Rende-se ao fato de que **na vida psíquica não há nada arbitrário, indeterminado.** O homem não é capaz de suportar psicologicamente o fato de haver ultrapassado os limites morais e não ter sido suficientemente perfeito, Deus, para livrar-se da culpa imposta pela própria consciência. A arbitrariedade é reduzida à escrava condição humana.

A aceitação do castigo para livrar-se da culpa psicológica, no caso de Raskólnikov, não o livra da confusão entre a satisfação de uma necessidade “legítima” – matar a velha – e a descoberta da verdade última – a impossibilidade de ultrapassar os limites humanos sem ser julgado, nem que seja por si mesmo.

O homem, para diferenciar-se do animal, deve aprender a viver em sociedade, a respeitar as leis impostas por essa sociedade. O mundo não existiria se fosse constituído somente por Raskólnikov(s). A ação arbitrária provoca o caos.

Os sentimentos humanos (raiva, culpa, ódio, vingança, pena, esperança) aflorados através dos personagens, as ações negativas (briga entre vizinhos; mulher tuberculo-

sa que incita a “filha” a se prostituir, pai bêbado que não garante o sustento da família), que destroem a condição humana e a falta de condições mínimas para viver e se desenvolver, fazem com que o ser humano se aproxime da condição animal, da sua real natureza. O afrontamento às regras sociais e a incompatibilidade com o dever moral delimitam o homem a viver solitariamente, a viver na obscuridade da vida moderna.

Dostoiévski engrandece os problemas abordados no romance testemunhando **que no ambiente mais miserável, a espiritualidade é extremamente viva, onde se vive com fé, vive-se com o perdão.** Ainda é grandioso ao retratar a infinita mesquinharia humana e ao retratar os problemas que afligem a sociedade da época, os problemas morais e os ideais concernentes àquela época. Os temas são discutidos com a profundidade de um escritor que soube ultrapassar as memórias bruscas e violentas, imprimindo ao mundo obras literárias que permitem **à humanidade uma reflexão sobre a pobreza dos sentimentos humanos.**

### PARA MAIS INFORMAÇÕES CONSULTE:

- *Ensaíos da Mão Canhestra*, de Broca, B.;
- *Dostoiévski y Tolstoi: Dos Formas Literárias del Cristianismo*, de Cabrera, I.;
- *Dostoiévski – As Sementes da Revolta*, de Frank, J.;
- *Dostoiévski prosa e poesia – O Senhor Prokhartchin*, de Schnaiderman, B.

A profa. do Colégio FAAP de São Paulo, Graziella Bonato Lião.

